

ESTÁGIO CURRICULAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CINEMA NA REALIDADE ESCOLAR NO GRANDE BOM JARDIM FORTALEZA (CE)

Marcos Vinicius Vieira do Nascimento

viinivn@gmail.com

Karolayne Araújo Coelho

karolayneacoelho@gmail.com

Resumo

Os Estágios Curriculares Supervisionados em Geografia são componentes curriculares que foram integrados de acordo com o projeto político-pedagógico do curso de Geografia, que buscam uma compreensão da prática docente em estreita interação com a teoria, analisando a partir de metodologias (sobretudo dialéticas) o ensino, oferecendo uma oportunidade aos futuros professores de refletir a respeito da realidade educacional, contribuindo fortemente para a formação de uma identidade docente consolidada. O universitário do curso de licenciatura em Geografia da UFC, ao se matricular na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I, tem em mente diversas expectativas que permeiam o seu percurso como docente. Para muitos, esse momento é de integração entre a teoria e a prática, que até então (normalmente para o aluno do quinto semestre) era desassociado. Essa posição equivocada precisa ser desmitificada, e isso vai acontecendo ao longo da disciplina, que amplia a visão dos licenciados a respeito da concepção de estágio supervisionado. Nesse sentido, visando uma análise mais profunda a respeito da escola e suas problemáticas, esse trabalho tem como objetivo analisar o espaço escolar da EMEIF Catarina Lima da Silva, compreendendo seus agentes e fatores que impactam profundamente na relevância escolar onde, juntamente com uma análise de um ensino mais alternativo como o cinema, possibilita que os alunos compreendam o espaço de outra maneira, sobretudo divertida.

Palavras-chave: Espaço escolar, ensino de Geografia, Filmes, Estágio

Introdução

Os Estágios Curriculares Supervisionados em Geografia são componentes curriculares que foram integrados de acordo com o projeto político pedagógico do curso de Geografia, que buscam uma compreensão da prática docente em estreita interação com a teoria, analisando a partir de metodologias (sobretudo dialéticas) o ensino, oferecendo uma oportunidade aos



futuros professores de refletir a respeito da realidade educacional, contribuindo fortemente para a formação de uma identidade docente consolidada.

A pesquisa e a observação são características fundamentais desse chamado estágio curricular, que nas palavras de Pimenta & Lima (2009) tem finalidade de integrar o processo de formação do aluno como futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como o objeto de análise, de investigação e interpretação crítica, tudo isso a partir dos nexos com as disciplinas do curso, sobretudo as de ensino. O professor não só ensina, ele pensa, ele constrói e ele continua a aprender com seus alunos. É por meio da observação, da participação e da regência que o licenciando poderá construir futuras ações pedagógicas (PASSERINI, 2007). É importante ressaltar que esse contato do futuro professor com a escola não se limita apenas a sala de aula: o espaço escolar é um espaço pedagógico de diversas relações e complexidades. Para muitas crianças, este espaço se materializa em uma segunda casa, revelando como uma instituição ordenada de fora para dentro (MELLO, 1994).

Os meios de comunicação se tornaram um novo órgão para as pessoas, se tornando muitas vezes um desafio para os professores, e a Geografia, que é uma ciência complexa e consolidada que busca relacionar os elementos da natureza com os humanos (sociais), não fica alheia a isso. Buscando compreender como o ensino de Geografia se relaciona com outras áreas do conhecimento, este trabalho tem como enfoque a construção de um ensino mais lúdico e artístico, atuando fortemente na formação do aluno como construtor social, sendo crítico de uma sociedade que banaliza não só a educação como também a arte. É necessário que as práticas tradicionais sejam quebradas, e a construção de uma Geografia Audiovisual é uma alternativa brilhante na inserção de novas dinâmicas na sala de aula.

Nesse sentido, uma análise de como os recursos tecnológicos se comportam na escola será levado em conta, tendo em vista as diversas questões que esses recursos apresentam na sociedade. Além disso, de forma específica, outras questões foram levantadas: (i) quais os principais problemas que as aulas de Geografia na escola apresentam que a tornam desinteressantes e desmotivadoras? (ii) como o cinema se torna uma ferramenta crítica e educativa para alunos e professores? (iii) para além disso, uma aula fora dos padrões é benéfica para a formação do aluno? Essas e outras perguntas serão respondidas ao longo do trabalho.

Ao estabelecer os objetivos, procurou-se uma abordagem ideal que se adequaria ao trabalho que, nesse caso, parte de um método dialético, tendo em vista que a pesquisa busca interpretar a problemática de forma que seja possível analisá-la sem isolá-la. Dessa forma, entender como os fatos se apresentam, por que e para que eles se tornam interessantes para serem compreendidos e explicado é fundamental para a realização da pesquisa. Por conta disso, as análises qualitativas serão privilegiadas, com testes empíricos essenciais no desenvolvimento do trabalho, já que a observação na sala de aula é fundamental. Por se tratar de uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, os dados obtidos nela serão analisados e explicados textualmente, de forma clara, organizada, intuitiva e objetiva (PRODANOV, 2006). Além disso, a pesquisa também tem caráter participativa, tendo em vista que ocorre uma interação entre o estagiário pesquisador e os membros da situação investigada, no caso os alunos, os professores e os funcionários da escola (GIL, 1994).

Posteriormente a escolha do método, os procedimentos técnicos e operacionais da pesquisa foram elencados, partindo de um levantamento bibliográfico para o aprofundamento da pesquisa, onde foi utilizado artigos, teses e dissertações, além de livros e notícias que fundamentam a pesquisa, focando em temáticas que relacionam o ensino, o estágio, o espaço escolar e ferramentas alternativas de ensino, como o cinema. Após isso, a análise e caracterização da escola é fundamental, buscando compreender a sua localização, histórico, realidade que está inserida e outras questões importantes.

A observação em sala de aula e nos outros espaços será essencial, levando em conta que o pesquisador estará atuando como um mero expectador. Aqui serão observadas as aulas em uma turma específica, buscando compreender diversos aspectos, entre eles: o comportamento dos alunos, a forma que o professor ministra a disciplina, as atividades que são realizadas dentro de sala de aula, as relações entre os protagonistas e as dificuldades que eles enfrentam, entre outros aspectos que merecem ser levados em questão de acordo com as decisões tomadas pelo autor do projeto.

Depois dessa etapa, a realização de entrevistas com alunos, professores e funcionários é essencial. As entrevistas foram escolhidas tendo em vista a sua eficácia, pois escutando esses sujeitos é possível entender um pouco da realidade trabalhada, já que ela é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou



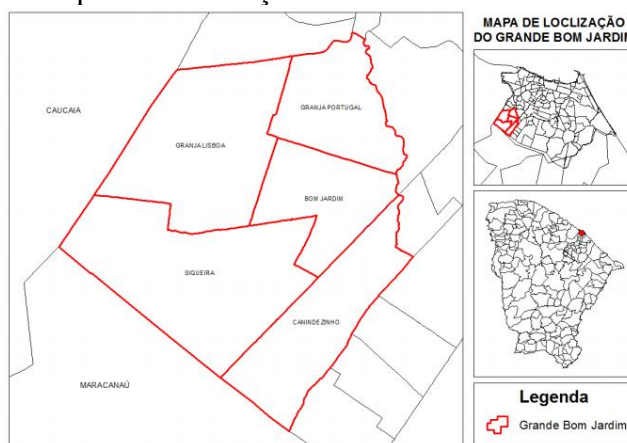
desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ EL AL, 1972 p. 273).

Por fim, a última etapa seria caracterizada pela intervenção, com o objetivo de pôr em prático tudo aquilo que o autor planejou e arquitetou. Por conta do diálogo áspero com o professor supervisor, a intervenção não foi realizada por conta de decisões por parte deste último, que achou uma “perca de tempo”. Mas, a partir das etapas anteriores, é possível compreender a ideia central desse trabalho, que está estruturado da seguinte maneira: primeiramente será analisado o espaço analisado, de forma ampla (o bairro) e forma específica (a escola). Posteriormente, uma análise dos protagonistas desse espaço (alunos e professores) será aprofundada, para que no fim uma análise sobre o cinema dentro desse espaço seja discutida.

O Cenário

A escola que esse trabalho foi realizado é, de certa forma, problemático. Nem que seja de forma mínima, as pessoas conhecem, nem que seja “de boca”, o Grande Bom Jardim (GBJ), para os mais íntimos: “Good Garden”. A partir da análise de Nelson & Finan (2014) é possível adentrar um pouco no mundo GBJ, que é composto por cinco bairros que se encontram entre os doze mais vulneráveis de Fortaleza: Bom Jardim, Siqueira, Canidezinho, Granja Lisboa e Granja Portugal. Em termos populacionais, esse território engloba mais de 220 mil habitantes, cerca de 8% da população de Fortaleza. Os bairros se localizam em uma área onde se concentra os piores indicadores sociais e econômicos da cidade, possuindo um grande contingente populacional.

Mapa 1: Localização do Grande Bom Jardim

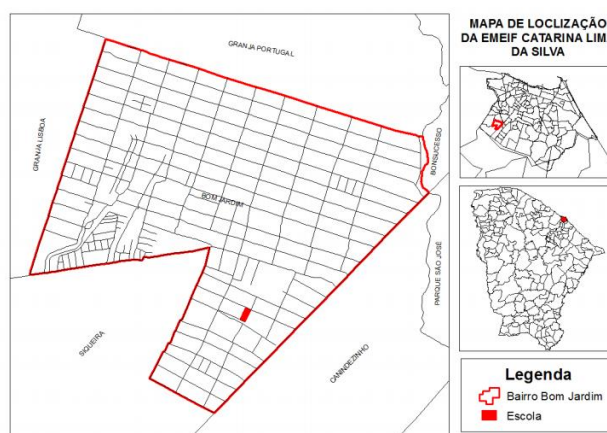


Fonte: Marcos Vinícius

A partir dessa análise, é possível compreender um pouco sobre a realidade tratada: o Bom Jardim é um bairro problemático e de características negativas que, infelizmente, sobrepõe o pouco de positividade que tem na região. Essa positividade está presente, por exemplo, em diversos eventos culturais, em sua maioria realizada pela juventude do bairro, que resiste em busca de justiça pelas autoridades, que torna o bairro invisível perante as belezas do litoral fortalezense que é, acima de tudo, uma porção pequena da realidade vivida nos mais de 2,6 milhões de habitantes.

Passini (2007) revela que compreender e pesquisar sobre o espaço escolar leva o estagiário a refletir sobre os desafios que esse espaço carrega, motivando que o mesmo realize transformações significativas nesse espaço. Nesse sentido, analisar e reconhecer o espaço escolar da EMEIF Catarina Lima da Silva é fundamental para que o objetivo do estágio seja alcançado. É necessário compreender a escola em sua totalidade, tendo em vista que é um espaço de acolhimento para alunos, que são atuantes e protagonistas do mesmo. Dessa forma, será analisado este espaço escolar em todos os seus aspectos, investigando as peculiaridades que o englobam, não se limitando ao abstrato (relações sociais e práticas pedagógicas), mas também concretamente, tendo em vista que as estruturas físicas da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança revelam muito sobre a vida que ali se desenvolve ou que se quer desenvolver (SOUZA, 2014).

Mapa 2: Localização da EMEIF Catarina Lima da Silva no Grande Bom Jardim



Fonte: Vinícius Nascimento

A EMEIF Catarina Lima da Silva tem uma posição estratégica perante ao bairro: se localiza na interseção do Bom Jardim com o Canindezinho, além de ser um ponto de fácil acesso



para outras localidades, tendo em vista sua localização próxima de uma das avenidas mais movimentadas de Fortaleza, a General Osório de Paiva. Esse último fator é problemático, tendo em vista o movimento acirrado, principalmente nos horários de pico. Infelizmente, esse fator já culminou em muitos acidentes fatais na região, inclusive de crianças. A coordenação da escola informou que isso é frequente e que mesmo com uma faixa de pedestres em frente à escola, o problema continua. A estrutura da escola não é das melhores. Em alguns pontos o registro fotográfico não foi autorizado, tendo em vista a repercussão negativa que isso causaria para a escola. Ao longo da escola é observado uma situação desagradável, paredes despedaçando-se, telhado quebrado, pinturas inacabadas, etc.

No que diz respeito a relação dos sujeitos com o espaço escolar, foi perguntando aos professores se a localidade era agradável para a realização de suas atividades/planejamentos. A maioria dos professores respondeu que a escola não era um bom local para se planejar as suas atividades, tendo em vista que a sala dos professores é minúscula perante aos vinte e dois (22) funcionários que trabalham na escola. Além disso, a estrutura não é nada agradável para se trabalhar, principalmente nas salas de aulas. Poucos enfatizaram a positividade do espaço, com alguns comentários a respeito do conforto na sala dos professores, que é um espaço pequeno, mas aconchegante. No que diz respeito às salas de aula, foi perguntando aos professores se os mesmos gostavam de ministrar as disciplinas nessas localidades. Todos os professores expressaram a sua indignação com as salas de aula, que são sucateadas e estão “caindo aos pedaços”, além de que o ponto em que elas estão inseridas não é nem um pouco estratégico, ficando próximo da recepção da escola e, conseqüentemente, próximo de um ponto de grande movimentação e barulho. A sala de aula do 7º ano C é a sala de aula mais próxima da recepção e, portanto, as aulas de Geografia eram sempre interrompidas por alguma ocasião.

Ao serem perguntando se os mesmos achavam se a escola apresentava uma boa estrutura para o seu funcionamento, os funcionários da escola manifestaram sua indignação com o espaço, que ainda apresenta muitos problemas, mesmo com a reforma. Há um esforço da gestão para melhorar a estrutura da escola, porém muitas reclamações são ouvidas, principalmente dos pais que expressam tristeza com as salas quentes e com ventilação insuficiente, paredes quebradas e telhados quebrados. Além disso, a coordenação reforça que os estudantes procurem melhorar seus hábitos de deturbar o espaço escolar com pichações nas paredes e nas carteiras. Em uma ocasião vista no primeiro dia de estágio, dois estudantes foram

mandados para a diretoria ao serem pegos desenhando rabiscos, descritos como “ímorais” e “impróprios” pelo professor. A secretaria informou que essas ocasiões são comuns, principalmente com a nova direção, que é caracterizada como ríspida e rigorosa.

Ao serem perguntados se gostavam do espaço escolar, os alunos tiveram respostas mistas. Alguns responderam que não gostavam do espaço pois eram constantemente bombardeados com atividades que consideram “besteira” e com reclamações por parte dos professores. Outros responderam que gostavam da escola pois era um lugar que os tiravam do tédio de casa, além de possibilitar que os mesmos realizem atividades legais, como brincar e “bater um racha”. Um dos alunos responde que gostava da escola, mas que “achava que a escola não gostava dele”. Ao ser indagado o porquê dessa situação, o mesmo relatou que gostava de vim para a escola, mas que ainda não compreendia a importância dela para sua vida.

Os mesmos alunos, ao serem perguntados de suas visões a respeito da importância da escola, se mostraram confusos. Alguns não conseguiram responder, relatando que ainda não conseguiam compreender a importância do espaço escolar. Outros já responderam que achava ela transformadora, já que possibilita a eles “conhecimento”. Pouco menos de três alunos responderam que não achavam a escola importante para a suas vidas, e que era melhor ficar em casa do que ir para as aulas. Por fim, ao serem perguntados se sentiam acolhidas no espaço escolar, todos os alunos responderam que sim, enfatizando os seguintes pontos: as amizades, a merenda, as dinâmicas nas salas de aula, os eventos escolares e alguns professores. A respeito da estrutura, a maioria se manteve indignada com a estrutura, enfatizando que depois da reforma, a situação não melhorou quase nada. Os meninos se autodeclararam os mais prejudicados, tendo em vista a quadra descoberta.

Os protagonistas e a cena principal

Neste capítulo serão abordadas questões referentes aos protagonistas do espaço em análise: os alunos e os professores. Serão analisadas as diferentes problemáticas observadas dentro da sala de aula, assim como fora da sala de aula, compreendendo os comportamentos que esses personagens exercem dentro do espaço escolar.

Com relação a turma, a partir de um diálogo inicial com a coordenação e o professor supervisor, o 7º ano C foi o mais propício para a realização das observações, tendo em vista o



horário estipulado para as idas na escola (segunda pela manhã). Os alunos e o corpo docente foram essenciais para a construção e enriquecimento desse trabalho tão importante.

Descritos pela coordenação como as “benções de bom coração”, a turma do 7º ano C apresenta uma fama bem conhecida na escola. Pelo menos uma vez por semana, alguma confusão envolvendo a turma é mencionada, tendo em vista a idade da maioria, que vai dos 11 aos 13 anos, idade responsável pela agitação e mudanças no corpo das crianças.

Com relação ao quantitativo de pessoas, 32 alunos estão matriculados na turma, sendo que em média, 18 crianças comparecem nas aulas de Geografia. Foi relatado que o autor “estava com sorte”, pois nas outras turmas a média é ainda menor. Dentre os motivos dessa evasão, um foi bastante mencionado: o tráfico. Muitas crianças têm parentes envolvidos com o tráfico, causando assim uma desestruturação familiar, que impacta diretamente na vida escolar da criança.

Mais uma vez é ressaltado a ideia de que a escola é o palco das diversas transformações sociais e, infelizmente, a violência virou um reflexo que impacta diretamente dentro desse espaço. Ao longo das aulas, agressões físicas (tapas, socos e chutes) e verbais (xingamentos e apelidos) são frequentes, onde mais uma vez o bullying, que é uma ação de caráter violento, entra em questão, onde a relação pacífica entre as crianças não é estabilizada. Neto (2005 p.4) revela que essas ações prejudicam o desempenho dos alunos, que se sentem desconfortáveis em se inserir no espaço escolar:

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado¹⁴. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão.

É de suma importância que os educadores lutem para que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde as crianças possam desenvolver os seus potenciais intelectuais e sociais. Infelizmente, esses problemas podem impactar diretamente no aprendizado dessa criança, perceptível posteriormente a partir da observação do autor: as crianças que mais

sofriam bullying dentro da sala de aula eram aquelas que mais recebiam atenção por parte do professor, que ao cobrar as atividades, não recebia a de certos alunos. Além disso, foi possível analisar uma proximidade maior entre o professor com as meninas do que com os meninos. Essa proximidade é perceptível a partir da análise de Anyon (1990, p.25), que revela:

No interior da sala de aula, quando a professora não determina o lugar da(o) aluna(o) sentar-se (procedimento usado para controlar suas ações), os meninos tendem a ocupar os lugares mais distantes da professora enquanto as meninas tendem a localizar-se nas posições mais centrais ou mais próximas à professora. Aparece também uma tendência das meninas a utilizarem as carteiras que são duplas e que facilitam ou exigem uma proximidade física maior.

Nesse sentido, é reforçado a questão de gênero dentro da sala de aula, onde os papéis exercidos por meninos e meninas são diferentes em diversos sentidos, onde a posição estratégica que as crianças se sentam diz muita coisa sobre a sala de aula. O machismo e a misoginia ainda são muito presentes dentro da sala de aula, perceptível por comentários negativos por parte dos meninos. Além disso, a turma é conhecida por sua rebeldia. Quando não estão contentes com uma situação, os mesmos permanecem revoltados e questionam determinada escolha. Isso, que em primeiro momento aparenta ser negativo, é de certa forma positivo também, mostrando que os alunos não ficam calados em 32 situações de opressão. Ao serem perguntados a respeito da relação com o professor de Geografia, a turma se manteve unanimemente contra o professor.

O professor se mostrou um professor autoritário e arrogante. No primeiro dia de observação, o mesmo já começa a aula gritando com os alunos pedindo silêncio, punindo-os desligando o ventilador. As salas de aula são extremamente quentes, e isso causou desconforto nos alunos. A posição autoritária do mesmo é uma característica fundamental dele, reclamando do desempenho da turma que, de certo modo, prejudicava ele.

Além disso, a misoginia e a homofobia são pontos essenciais na personalidade do professor. Essas representações são perceptíveis com comentários, como: “Deixa de viadagem”, “Isso é coisa de viadinho”, “É por isso que eu não gosto de viado”, “Isso é coisa pra fraco, coloca a fulana para fazer isso”, “Mulher é algo que só causa estresse”, entre outros comentários escutados dentro e fora da sala de aula. Essa situação é problemática, evidenciada por Fleuri (1997 p.328) como um ponto negativo na construção dos laços professor e aluno:



[...] a prática pedagógica autoritária acaba gerando situações de conflito, prejudicando o relacionamento de professor e aluno. O primeiro faz da sala de aula um local onde tudo é estabelecido por ele e pelas normas da instituição, acatadas passiva e comodamente, vendo o aluno como um receptor de conhecimentos; neste caso não há espaço para discussão, nem momento para esclarecimento de dúvidas.

Por conta dessa problemática, a turma se mantém em um misto de revolta e medo. Em alguns momentos, um bate-boca entre eles acontece, tendo em vista as posições exageradas do professor, que se utiliza de uma hierarquia escolar para se sobrepor nos alunos. Vez ou outro alguém acaba indo para a coordenação. Ao ser perguntado se gostava da profissão, o professor respondeu que não, que levava isso como uma obrigação. Consequentemente, respondeu que a licenciatura não tinha sido a sua primeira opção e que, por não ter passado no que queria, optou pelo mais fácil de passar. Em sua fala, a licenciatura em Geografia é desvalorizada em diversos aspectos, principalmente ao falar que o trabalho de professor é fácil e que o professor só precisa de uma voz mais alta. A respeito dos materiais alternativos de ensino, o mesmo comenta que na sua graduação não teve nenhuma disciplina referente a isso e, para além, comenta que acha isso uma perda de tempo, tendo em vista o trabalho que se tem para realizar tais atividades.

Aulas de Geografia + Cinema = Boa aula?

Apesar das problemáticas que englobam os protagonistas da escola (sobretudo a posição autoritária do professor), as aulas de Geografia são caracterizadas por serem participativas e dinâmicas, com uma participação satisfatória de boa parte dos alunos. Essa situação foi um dos pontos mais impactantes, tendo em vista as características anteriores. As aulas abordaram diversas temáticas, entre elas: as regiões Sul e Sudeste, os relevos do Brasil, cartografia e representação espacial.

Paralelo a isso, a posição do professor prejudica em certos momentos a dinâmica da aula. Enquanto em alguns momentos as aulas são bem participativas, em outros a arrogância do professor prejudicou a fala dos alunos, que se mantém acanhados em determinados momentos. A didática formidável do professor, muitas vezes, não significa que a aula será satisfatória. Essas situações prejudicam a aprendizagem, além de desestimularem os alunos, visto a agitação e desmotivação da sala após advertências.

Portanto, é necessário compreender a problemática proposta pelo trabalho, que visa fugir dessa abordagem tradicional que só desmotiva e mecaniza o ensino. Por inúmeras ocasiões, muitos professores não apresentam tempo suficiente para planejar e executar uma

atividade dinâmica na sala de aula. Santos (2015 p.8) enumera fatores que desvalorizam a profissão docente, passando pelos fatores econômicos, sociais e psicológicos. Mas é a desqualificação que protagoniza esses fatores, onde essa retirada de qualidade da natureza de ser professor tira da profissão aquilo que a concretiza:

É o valor que a profissão de professor promove em sua práxi, que a faz valorativa e valorada. E, é o elemento qualidade, implícito a esta profissão que lhe confere o valor, retirar ou mitigar o elemento que a qualifica, é descaracterizar sua natureza, sua essência.

Além dessas problemáticas, o desinteresse por parte do professor é uma questão bastante difícil. Se o professor não valoriza a própria profissão, quem vai valorizar, então? A problemática desmotivadora impossibilita que os professores se enxerguem como profissionais importantes, contribuindo para a realização de uma aula monótona, que também desmotiva as crianças.

A desmotivação gera graves consequências como a repetência e a evasão escolar. Nas escolas públicas, muitas crianças, por repetirem várias vezes a mesma série, optam por sair da escola e ingressar no 35 mundo do trabalho, o qual traz um retorno financeiro, causando assim a evasão nas escolas. Porém, segundo as professoras entrevistadas, nas escolas particulares a repetência está relacionada ao desinteresse dos alunos (KNUPPE, 2006 p. 280)

Todas estas problemáticas estão interligadas, não são desafios isolados. Existem professores que não são desmotivados por si só, são levados a essa situação, tendo em vista a carga horária exacerbada, onde muitos ensinam em mais de uma escola) e os baixos salários. Dessa forma, a rotina cansativa possibilita uma monotonia negativa, sendo que o tempo para planejamento das atividades é inexistente.

Através desse cenário, pode-se compreender uma desmotivação dos docentes em sala de aula, tendo em vista as problemáticas abordadas. Nessa perspectiva, Cysneiros (1999) possibilita compreender o sobrecarregamento do professor com as aulas, faltando-lhe tempo para estudar e experimentar novas formas de ensinar. A desmotivação oriunda de diversos aspectos torna a sala de aula um espaço de constrangimento para ambos. A mesma autora também possibilita compreender que desenvolver formas criativas de ensinar e educar é uma atitude de respeito, tendo em vista que fugir do tradicional se torna gratificante para docentes e discentes.

Nesse sentido, a arte se torna uma alternativa magnífica, tendo em vista que é uma área que se personifica em outras áreas do conhecimento, inclusive na Geografia. Barbosa (2002) afirma que o ensino artístico tem um papel muito importante na formação do aluno, já que é capaz de transformar o



mesmo por meio da fantasia e da aventura, possibilitando um desenvolvimento sensível e criativo. As práticas estéticas e culturais possuem particular sensibilidade para captar movimento cambiante do espaço e do tempo, uma vez que estão envolvidas com a construção de representações que sinalizam experiências localizadas entre o ser e o porvir (HARVEY, 1992).

Ao serem perguntados sobre se gostavam de filmes, todos os alunos responderam que sim, demonstrando animação a respeito de longas que assistiram recentemente. As crianças já têm uma noção de que é possível aprender se divertindo, inclusive interligando o cinema com a Geografia, pois muitos apontaram aspectos geográficos vistos em filmes blockbusters, 36 concluindo que o cinema é uma ferramenta importante para a compreensão do espaço geográfico.

Além disso, os alunos se mostraram carentes de metodologias alternativas de ensino, onde foi apontado que quase nunca o professor de Geografia trabalha dessa maneira, preferindo “falar e falar e pedir pra fazer trabalho”. Na fala deles, é perceptível a falta que essas metodologias fazem dentro da sala de aula, impossibilitando que novas formas de compreensão sejam abordadas e discutidas.

O cinema é considerado uma nova ciência, tendo em vista que apesar de ter mais de 100 anos, a escola o descobriu tardiamente (NAPOLITANO, 2008). O cinema, em nenhum momento, foi pensado em ser uma ferramenta educativa, essa idealização é nova pois se descobriu a riqueza da sétima arte na compreensão de diversas disciplinas. Nesse sentido, o cinema se torna uma ferramenta importante para a Geografia, da mesma forma que a Geografia se torna uma ferramenta importante para o cinema. É uma via de duas mãos, uma relação mútua que transmite uma riqueza de informações que possibilita uma melhor interação com os alunos em aula, estes que pedem novas formas de ensino.

O caráter educativo do cinema associa-se à crença de que a técnica detém a verdadeira expressão da realidade, porque o que está na tela parece reproduzir as características do mundo, o que se vê no cotidiano. (ARAUJO & VOSS, 2009, p.13)

Esse caráter educativo casa perfeitamente com a Geografia, tendo em vista que é a ciência que estuda o espaço geográfico, e este espaço pode ser perfeitamente representado, nos longas e curtas metragens, sendo estes últimos perfeitos para serem abordados em sala de aula, tendo em vista que são de pouca duração e muitas vezes passam despercebidos pelos professores, que não enxergam a riqueza de informações nestes pequenos filmes. O cinema também se torna uma ferramenta positiva no sentido de mostrar aos alunos que o tema ensinado é vivenciado por outras pessoas, despertando a curiosidade pela temática.

Considerações finais

A partir das experiências do estágio, é possível que, e primeira, o futuro professor quebre suas expectativas. Mas isso é só o início das inúmeras possibilidades que o espaço escolar possibilita, onde é possível analisa-la e compreende-la a partir de suas peculiaridades que a moldam e a transformam em uma das principais instituições sociais.

A escola é o lócus da formação docente e, analisando o estágio como um momento que não se limita apenas a teoria, mas sim a práxis (relação teoria e prática), é possível compreender os caminhos docentes em todos os aspectos. O estágio também possibilitou o aprofundamento da pesquisa, estudando a realidade escolar em uma perspectiva artística, o cinema no caso desse trabalho.

Conhecendo a realidade vivida na escola e no bairro, é possível entender da localidade abordada, onde os aspectos exteriores a escola causa impactos profundos na moldagem dos alunos. É necessário que os professores lutem para mudar a realidade desses bairros mais pobres, que necessitam de mudanças e práticas oriundas da educação.

Além disso, é necessário compreender o funcionamento das aulas, que influenciam completamente no aprendizado do aluno, que é carente de novas metodologias do ensino, como o cinema, que se destaca como uma arte versátil e multifuncional, onde a Geografia se aplica de diversas maneiras e das mais diversas formas. Por fim, é importante que como futuros educadores os estagiários se comprometam com essa responsabilidade desde já. O ensino é um dos caminhos mais lindos para a construção de uma sociedade mais justa, e é a partir dela que as mudanças significativas virão de verdade.

Referências bibliográficas

Anyon, J. (1990) Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de Pesquisa*, 73,3-87.

ARAUJO, Alda Regina de. VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. CINEMA EM SALA DE AULA: Identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. Disponível em: Acesso: 14/09/2018

BARBOSA, Jorge Luiz. A Arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social, 2002. Disponível em Acesso: 14/09/2018



CYSNEIROS, Paulo Gileno. NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: MELHORIA DO ENSINO OU INOVAÇÃO CONSERVADORA? Informática Educativa UNIANDÉS-LIDIE. Vol 12, No, 1, 1999 p. 11-24, São Paulo.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 5a ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992, 349p.

KNÜPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras. Educar, Curitiba n.27 p. 277-290, 2006. Editora UFPR

MELLO, Guiomar Namó de. Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. Colaboração: Madza Julia Nogueira. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. 4. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008. 137p

NELSON, Donald R. FINAN, Timothy J. PARTICIPAÇÃO E IMPOTÊNCIA: A BUSCA PELA ESPERANÇA NA PERIFERIA DE FORTALEZA, BRASIL. Iluminuras, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p.152-170, ago/dez. 2014

PASSERINI, Gislaíne Alexandre. O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PASSINI, Elsa Yasuko. Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2009.

PRODANOV, C. C. Manual de metodologia científica. 3. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.

SANTOS, Westerley A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.349-358 – 2o sem. 2015.

SELLTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder, 1972.

SOUZA, Biiane Barbosa de. SOUZA, Mariana Barbosa de. A IMPORTANCIA DO STAINCKBACK, S. & STAINCKBACK, W. 1996. Inclusão - Um Guia para Educadores. Artmed Editora. Porto Alegre. São Paulo: Contexto, 2007.